

# ANAIS DA I JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE  
PARINTINS PARINTINS  
2016

Weberson Fernandes Grizoste  
(Org.)

# Anais da I Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>

<facebook.com/latinitates>

Arte da capa: Thiago Godinho

ISBN: 978-85-7883-432-6

E-ISBN: 978-85-7883-431-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Universidade do Estado do Amazonas  
Parintins – AM  
2016

# HUMANISMO E AMAZONIDADES

## *A Muhuraida* e a trilogia pré-indianista brasileira

Daniel Alexandro Pacheco Sicsú (UEA)  
(Orientador) Weberson Fernandes Grizoste (UEA)

**Resumo:** Para justificar a presença do poema *Muhuraida*, de Henrique João Wilkens, no cânone literário brasileiro formando juntamente com os poemas *Caramuru*, e *O Uruguai* No que denominamos como trilogia pré-indianista brasileira, o presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada ao longo de um ano no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP-UEA). Neste sentido, este trabalho discute sobre a representação do nativo brasileiro nas obras e a exaltação do homem europeu como herói.

**Palavras-chave:** árcades, muras, pré-indianista, cânone.

### Introdução

A conquista de determinado território ou coisas se davam, na antiguidade, de uma forma que envolvia guerras, violência e constantes disputas entre países e etnias. Igualmente, o processo de colonização no Brasil foi marcado pela constante guerra entre os índios nativos da terra contra os colonizadores, os europeus. Essa guerra entre colonizador e colonizado perdurou por muitos anos e é narrada nos poemas do que chamamos de trilogia pré-indianista brasileira. Essa trilogia é composta pelos poemas árcades *Muhuraida*, de Henrique João Wilkens, *Caramuru*, de Santa Rita Durão, e *O Uruguai*, de Basílio da Gama.

Nas obras, porém, a disputa entre colonizador e colonizado pendem sempre para o lado do colonizador. Isso é evidente ao longo dos poemas, pois coloca-se o nativo brasileiro na figura de um ser que não possui alma, necessita ser catequizado ao cristianismo para ser liberto de espíritos malignos, receber a graça para então ser salvo e liberto de espíritos malignos que supostamente o domina.

A inferioridade na representação do índio em comparação ao europeu é evidente antes mesmo do desenrolar do poema *Muhuraida*, por exemplo. Denominado primeiramente como *O Triunfo da Fé Na bem fundada Esperança da inteira Convergência, e reconciliação da Grande, e feróz*

*Nação do Gentio Mubúra*, o texto poético mostra logo de entrada que é uma exaltação ao europeu. No próprio título fica explícito a caracterização do indígena como um ser pertencente a povo feroz e ao mesmo tempo ingênuo, que necessita da conversão ao cristianismo.

Para aprofundar essa discussão sobre o caráter inferior do índio em relação ao seu colonizador, este trabalho divide-se em dois tópicos que abordarão, de forma objetiva, as conceituações e características da literatura pré-indianista no Brasil e o próprio caráter inferior do índio em relação aos europeus.

### **O pré-indianismo e exaltação do europeu**

Antes de tratar da literatura pré-indianista, é importante evidenciar que das três obras que compõem a trilogia acima mencionada, apenas a *Muburaida* tipifica o indígena como uma figura demoníaca, dominada por poderes malignos. No *Caramuru* e *O Uruguai*, o nativo é posto numa figura heroica, apesar de estar num patamar abaixo dos europeus, qualificados como as figuras colonizadoras nos poemas.

Outro ponto essencial a ser ressaltado é o fato de que a trilogia pré-indianista enaltece as conquistas europeias em território brasileiro no período colonial, caracterizando-se como uma literatura épica ao exaltar os fatos heróicos. As conquistas dizem respeito ao processo de colonização de nativos nas regiões Norte (*Muburaida*), Nordeste (*Caramuru*) e Sul do país (*O Uruguai*). Na *Muburaida*, o processo de colonização do indígena ocorre por meio da catequização, enquanto no *Caramuru* ocorre por meio da inserção do homem branco na comunidade indígena e n'O Uruguai se dá por meio de uma guerra que dizima os nativos.

De acordo com Cereja (1995), o que caracteriza a estética pré-indianista na literatura brasileira é o enaltecimento da figura do nativo por meio de características exóticas, além da apresentação da paisagem local. Outro aspecto desta literatura é a exaltação dos atos da Coroa Lusitana em terras brasileiras, exaltando que os atos de supressão dos indígenas foram essenciais no processo de colonização do Brasil.

Vale ressaltar que antes da afirmação da trilogia pré-indianista brasileira, a obra do escritor português Henrique João Wilkens não era considerada como parte integrante do cânone literário brasileiro. Isso ocorreu devido ao seu poema versar sobre a conquista e colonização na região norte, considerada desde o século XVII como uma parte sem muita importância econômica, cultural e social para o Brasil. Assim, apenas o *Caramuru*, que trazia um cenário de conquista no Nordeste, e *O Uruguai* com o Sul, que narrava conquistas europeias no Sul, eram consideradas obras valiosas e que mereciam estar no pedestal da literatura brasileira.

Nisso, a partir da elaboração de todo um estudo acerca das três obras no projeto “Estudos da Muburáida e suas matrizes árcades” é que mostrou-se a importância da obra de Wilkens para a literatura brasileira e explicou-se porque a mesma deve estar inserida dentro da literatura canônica brasileira, igualmente ao *Caramuru* e *O Uruguai*.

Característica forte nas obras pré-indianistas, a exaltação do europeu era fortalecida com a qualificação que se fazia das ações executadas pelos jesuítas no período colonial no Brasil. Apenas uma das três obras não critica trabalho desenvolvido pela Companhia de Jesus na colônia portuguesa (*Caramuru*). A *Muburáida* e *O Uruguai* fazem duros julgamentos aos religiosos, pois os consideram como opressores dos nativos e classificam os lusitanos como salvadores dos povos postos como desalmados e ingênuos.

Uma questão a ser discutida diz respeito ao fator histórico presente nas obras da chamada estética pré-indianista. Nas três composições poéticas é possível identificar elementos que remetem a fatos que ocorreram no processo de formação das regiões norte, nordeste e sul.

O que também deve ser posto em evidência é o fato de todos os poemas que compõem a trilogia pré-indianista enaltecem o processo de expulsão da Companhia de Jesus da Colônia. Nesse processo, os textos poéticos frisam a inserção dos diretórios propostos por Marquês de Pombal no Brasil com o intuito de governar o território e evangelizar todos os nativos do local.

Conforme Treece (*in* WILKENS, 1993), o surgimento da literatura épica no Brasil coincidiu com a derrubada dos Jesuítas e ascensão dos diretórios de Marquês de Pombal. Seguindo a linha de

pensamento do autor, é correto dizer que a literatura épica foi inserida em território brasileiro por meio das obras que compõem o que chamamos de trilogia pré-indianista brasileira, pois todas foram elaboradas e publicadas em meados do século XVII, coincidindo com o início da última etapa imperialista dentro da colônia.

Assim, a literatura foi utilizada como um artifício para desqualificar todas as atividades elaboradas e desenvolvidas pelos jesuítas em território brasileiro durante a colonização. As obras poéticas foram uma forma encontrada pela Coroa Portuguesa de pôr em evidência todas as ações feitas pelo governo pombalino na colônia.

Fora a constante sobreposição dos diretórios designados por Marquês de Pombal em relação aos jesuítas, as três obras são parciais quanto a classificação dos personagens envolvidos no processo de colonização. É constante na *Muburáida*, *Caramuru* e *O Uruguai* a colocação dos europeus como figuras imponentes, que têm o controle da situação e submetem os nativos indígenas às suas ordens e queres.

Retomando ao que foi posto no início desta discussão, na obra de Wilkens qualifica-se o índio mura como demoníaco, enquanto que nas composições de Basílio da Gama e Santa Rita Durão o indígena é posto numa figura de coitado, em vista que são postos como escravos e subservientes às ordens dos jesuítas. Esta qualificação tinha, de certa forma, um cunho político, tendo em vista que essa qualificação visava incutir a ideia de que os religiosos só haviam explorado os nativos e que os diretórios formados pelo governo pombalino iria solucionar essa problemática definitivamente, pois desenvolveria a colônia e evangelizaria os índios da forma correta.

De acordo com Guedelha (2012), essa qualificação de subserviência dos indígenas aos jesuítas tinha o intuito de tornar positiva as ações de colonização feitas pela Coroa Portuguesa. Apesar de todos os reveses ocasionados aos nativos com mortes e opressão, Wilkens, Durão e Gama só exaltam a figura do europeu, tornando a classificação do homem indígena pejorativa.

Nisso, é correto afirmar que as obras da chamada trilogia pré-indianista brasileira tinham o único objetivo de colocar em voga as conquistas portuguesas em território colonial.

### Referências Bibliográficas

- CEREJA, William Roberto. *Literatura brasileira: 2º grau*. São Paulo: Atual, 1995.
- DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- GAMA, Basílio da. «O Uruguai», in TEIXEIRA, Ivan, *Obras poéticas de Basílio da Gama*. São Paulo, Edusp, 1996, 189-241.
- GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. «Poema Muburaída, a “glória” do extermínio de uma nação». *Revista Virtual de Letras (RevLet)* 1 (2012).
- WILKENS, Henrique João. *Muburaída ou o triunfo da fé*. Manaus: Biblioteca Nacional/UFAM/Gov. AM, 1993.

## “Em busca da Idade Média”: A relação entre História e Literatura através de *O romance de Tristão e Isolda*

Ianna Paula Batista Gonçalves<sup>14</sup>  
 Arcângelo da Silva Ferreira<sup>15</sup>

**Resumo:** O Romance de Tristão e Isolda consiste em um enredo ambientado na Idade Média, a narrativa inscreve a trama no Reinado do Rei Marco. A história dos personagens é marcada por um amor intenso e proibido. A urdidura permite observar as peculiaridades do contexto histórico, por meio de suas representações da realidade social. Dessa forma as diversas estruturas medievais podem ser abstraídas a partir dessa literatura cavalheiresca. Com objetivo de refletir sobre o contexto histórico medieval, problematizamos o livro *O romance de Tristão e Isolda* na intenção de elucidar a literatura como fonte de história. Buscando, assim, indícios de um tempo pretérito. Permitindo, portanto, a interdisciplinaridades de saberes na relação fronteira entre os domínios da Literatura e da História.

**Palavras-chave:** História, Literatura, Idade Média, Tristão e Isolda.

### Considerações Iniciais

---

<sup>14</sup> Acadêmica do 7º período de História do CESP - UEA

<sup>15</sup> Mestre em Sociedade e Cultura (UFAM); doutorando em História Social na Amazônia (UFPA); Professor do colegiado de História (CESP – UEA).